

## **POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE A RELAÇÃO SINO-BRASILEIRA**

CAIO JUNIOR AULER<sup>1</sup>; NAIRANA KARKOW BONES<sup>2</sup>; CHARLES PEREIRA  
PENNAFORTE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – caiojr99@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – nairanabones@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul) e do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA). A pesquisa “A Política Externa do Governo Bolsonaro: algumas considerações críticas sobre a relação sino-brasileira” faz parte do campo de estudos das Relações Internacionais e da Geopolítica, e corresponde a uma importante alteração da atual dinâmica da economia mundial, com ênfase ao papel chinês na política externa brasileira.

O país asiático aumentou sua presença na América Latina e isso desafia a dinâmica centro-periferia que historicamente orienta as relações entre América Latina e Estados Unidos. Esse cenário se insere a partir da constatação do enfraquecimento da hegemonia estadunidense no âmbito geopolítico, econômico e ideológico (WALLERSTEIN, 2004; ARRIGHI, 1996), atrelado a ascensão econômica chinesa no cenário internacional, que aumentou a sua atuação, sua influência, e suas relações diplomáticas e comerciais com outros países.

As relações bilaterais entre Brasil e China se aprofundaram nas últimas décadas e passaram a apresentar cada vez mais envergadura, e desde 2009 o país asiático é o principal parceiro comercial do Brasil (MÁXIMO, 2010). Contudo, com a chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto em 2019, o Brasil adotou uma postura “anti-China” e de alinhamento automático ao governo Donald Trump (2017-2020) dos EUA.

A nova conduta foi materializada com a escolha do ex-chanceler Ernesto Araújo para o comando do Ministério das Relações Exteriores, que afirmou no início de sua então gestão que “O relacionamento com os Estados Unidos talvez seja a parceria mais negligenciada nos últimos anos no Brasil, por uma visão que os Estados Unidos seriam uma parceria que não se deveria trabalhar em várias áreas, o nosso propósito é recuperar o tempo perdido.” (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

Este trabalho buscou analisar de maneira crítica a política externa do governo Bolsonaro até o primeiro semestre de 2022, propondo-se responder os seguintes questionamentos: como se desenvolveram as relações entre Brasil e China sob o alinhamento automático a Washington? Quais as contradições entre as tentativas de mudança das diretrizes da política externa, tendo em vista o papel da China no comércio exterior brasileiro?

## 2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa foi a análise de dados de caráter qualitativo. O trabalho foi desenvolvido por meio de análise documental e de revisão bibliográfica, utilizando tanto fontes de caráter primário, como discursos governamentais do período estudado, quanto secundário em livros, artigos científicos e imprensa em geral.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento do trabalho pôde-se averiguar que a partir de 2019 houve uma alteração da linha tradicional da política externa brasileira e da manutenção da inserção autônoma do país no sistema internacional que acontecia desde os anos 1960 (VALDEZ, 2020). A busca por uma adesão total e acrítica por uma relação especial com os EUA, no período de análise, tem-se mostrado contrária à tradicional postura da política externa brasileira de adesão ao multilateralismo, aos fóruns e organizações internacionais, por exemplo, e que refletem a atuação consagrada do Brasil no Sistema Internacional.

Um exemplo desse *turning point* foi a atuação do governo Bolsonaro em 2019, quando o país mudou sua posição histórica na ONU, e juntamente com Israel e EUA, votou pela manutenção do embargo econômico dos estadunidenses a Cuba (G1, 2019). Embora Trump e Bolsonaro compartilhassem ideologias semelhantes, ao longo da pesquisa foi possível identificar exemplos da falta de reciprocidade por parte de Washington, principalmente na agenda econômica.

Esse alinhamento automático aos EUA refletiu nas relações do Brasil com seu principal parceiro comercial, a China. Pôde-se constatar que o governo brasileiro passou a adotar uma postura hostil em relação aos chineses, especialmente no discurso, marcado frequentemente por um caráter agressivo, beligerante e até mesmo xenofóbico, o que impactou as relações diplomáticas entre os dois países.

Entretanto, setores econômicos, principalmente relacionados ao agronegócio, pressionaram para que as relações bilaterais entre Brasil e China não fossem prejudicadas. Essas pressões são reflexo da importante posição que o país asiático ocupa na estrutura econômica brasileira. Enquanto o Brasil tem um superávit de US\$100,5 bilhões de 2019 a 2021 no seu comércio com a China; neste mesmo período, tem um déficit de US\$36,1 bilhões no seu comércio com os EUA, segundo dados disponibilizados pelo Ministério da Economia (2022).

Para mais, a participação chinesa no total de exportações brasileiras aumentou de 28,7% em 2019, para 32,4% em 2020. Já em 2021, o total de exportações brasileiras ao país asiático correspondeu a 31,3% do montante enviado, de acordo com o Ministério da Economia (2022).

## 4. CONCLUSÕES

Foi possível constatar que houve uma modificação na tradicional política externa brasileira, principalmente no que refere-se a autonomia e a universalização de parcerias. Isso resultou em um alinhamento automático à gestão Trump e a mudança de comportamento do Brasil no Sistema Internacional.

Ademais, verificou-se que as relações sino-brasileiras foram marcadas por instabilidades e crises político-diplomáticas, agravadas majoritariamente por representantes da política brasileira, com vínculo ao governo Bolsonaro. Tais

condutas demonstram ser incoerentes e contraproducentes referente à China, país extremamente importante do ponto de vista econômico e com o qual a relação comercial permaneceu relativamente estável, apesar dos desgastes políticos. Por fim, conclui-se que a participação da China no percentual de exportações totais brasileiras de 2019 a 2021 foi consideravelmente alta, o que, em outras palavras, significa que a dependência em relação ao mercado consumidor do país asiático se mostrou significativa da mesma forma.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, G. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro, Editora UNESP, 1996.

BRASIL. Ministério da Economia. **ComexVis**. Online. Acessado em 30 junho 2022. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>>.

Brasil muda posição histórica e vota contra resolução que condena embargo a Cuba na ONU. **G1**. 07/11/2019. Online. Acessado em 04 dez 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/07/brasil-muda-posicao-historica-e-vota-contra-resolucao-que-condena-embargo-a-cuba-na-onu.ghtml>>.

MÁXIMO, W. China torna-se principal parceiro comercial do Brasil após revisão de exportações. **Agência Brasil**. 2010. Acessado em 25 dez 2020. Online. Disponível em:

<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/agenciabrasil/noticia/2010-01-14/china-torna-se-principal-parceiro-comercial-do-brasil-apos-revisao-de-exportacoes>>.

“Queremos recuperar tempo perdido”, diz chanceler sobre relação com os EUA. **Agência Brasil**. 2019. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/queremos-recuperar-tempo-perdido-diz-araujo-sobre-relacao-com-eua>>. Acesso em: 25 de nov. 2020.

VALDEZ, R. Alinhamento automático com EUA é contraproducente para o Brasil. **OPEU. Observatório político dos Estados Unidos**. 07/08/2020. Online. Acessado em 03 dez 2020. Disponível em:

<<https://www.opeu.org.br/2020/08/07/alinhamento-automatico-com-eua-e-contraproducente-para-o-brasil/>>. Acesso em: 03 de dez. 2020

WALLERSTEIN, I. **O Declínio do Poder Americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 315 p.